



Os relatos da *Tribuna do Norte* e suas implicações na edificação de uma memória festiva.

MAGNA RAFAELA GOMES DE ARAÚJO.¹

Resumo:

Neste artigo analiso uma construção discursiva acerca da Festa de Sant' Ana de Caicó - RN produzida pelo jornal *Tribuna do Norte* nas décadas de 1980 e 1990. Nos relatos foram expressas várias ideias que acabaram, a nosso ver, por organizar um mapa imaginário sobre essa festa, como também, acerca dos sujeitos envolvidos nela. No período em questão, em todos os meses de julho, notícias sobre o evento eram publicadas e divulgadas entre o público natalense. Informando como se dava o envolvimento do fiel com sua padroeira e a relação mantida entre todos da comunidade caicoense. Objetivamos neste texto compreender como a memória acerca do evento foi sendo mobilizada pelo jornal, representando aqui o poder da imprensa na construção de imagens, bem como sua importância para fortalecer a identidade local.

Palavras-Chave: Festa de Sant'Ana, Caicó, Tribuna do Norte.

Introdução.

A cidade de Caicó está situada na região denominada Seridó, que compõe o estado do Rio Grande do Norte. Relatos históricos² nos informam que o início da fundação do município se deu com a construção da Casa Forte do Cuó, local onde foram abrigadas várias tropas militares, enviadas pela Coroa Portuguesa, para o combate aos índios nativos da região, que se revoltaram diante da presença do colonizador naquelas regiões interioranas do atual estado do RN.

A fundação da cidade se deu pela criação da referida casa, com a vitória dos colonizadores sobre os índios da região, conflito conhecido na historiografia como “*Guerra dos Bárbaros*”; e, posteriormente, ocorreu a formação do povoado Penedo, transformado, no ano de 1735 em Povoação do Caicó, em 1788 passou a ser Vila Nova do Príncipe, e, em 1868,

¹ Graduanda em Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. Projeto: “Visualidade, religiosidade na imprensa: o sagrado e a cultura política potiguar (1950 – 2000)”. Orientador: Dr. Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior.

² MEDEIROS FILHO, Olavo de. Caicó, cem anos atrás. 1988. MONTEIRO, Eymard. L'E (padre). Caicó (subsídios para a história completa do município). Recife: Escola Sales de Artes Gráficas, 1945.

foi elevado à categoria de Cidade do Príncipe. Finalmente em 1890, passou a ser chamado de Caicó.

O relato do povoamento do colonizador na cidade está ligado não apenas aos fatos históricos, mas também a mitos de origem. Várias versões dão conta de um conteúdo central que pode ser sintetizado da seguinte forma: um vaqueiro (símbolo da presença do colono) estaria em busca de um touro (símbolo do indígena) que havia fugido de sua propriedade. Encontrou em uma mata, quando, por sua vez, o animal ameaçou a vida do vaqueiro. Neste momento de perigo, ele pediu a proteção da Senhora Sant'Ana para livrá-lo daquela situação. Magicamente o touro desapareceu e pela prece atendida, o vaqueiro prometeu construir uma capela em agradecimento à santa.

A capela teria sido construída em 1695 em um local próximo a Casa Forte do Cuó. Mito à parte, a proteção da santa teria começado no episódio descrito anteriormente, fato que justificaria sua escolha como a padroeira da cidade. Por isso, a cada ano é organizada uma festa em sua homenagem, na busca de agradecimento pela proteção e pelas graças alcançadas.

Segundo informações que constam no “*Dossiê: Festa de Sant'Ana de Caicó*”³, no século XVIII, provavelmente as festas a Sant'Ana deviam se constituir por repiques de sinos, missas, recitas de orações, procissão conduzindo um andor com a imagem da santa, seguido por um cortejo formado por sacerdotes, agricultores, vaqueiros e criadores das regiões vizinhas a atual Matriz de Sant'Ana.

A tradição consagrou a data de 1748 o primeiro ano de festa, relacionado com o momento de construção da Freguesia de Sant'Ana. Esse novo templo religioso teria sido edificado em local menos acidentado e próprio para a circulação de pessoas, onde até a atualidade está situada a Matriz.

Segundo o dossiê há ainda uma corrente de estudiosos que acreditam que na verdade a festa teria iniciado no século XVII no tempo do povoado Penedo, na capela primitiva construída pelo vaqueiro, contando com uma festa bastante simples. Comprovadamente, nos séculos XVIII e XIX, a Festa de Sant'Ana de Caicó era conhecida por sua grandiosidade, e

³ Documento produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como parte da documentação para obtenção do registro da festa como bem patrimonial de caráter imaterial.

por atrair fazendeiros e seus familiares vindos das redondezas, de cidades próximas e de negociantes de Pernambuco, Ceará e Paraíba.

Ainda segundo o referido dossiê eram oferecidas à população da cidade e aos visitantes espetáculos diversos, como, por exemplo, queima de fogos, apresentações teatrais, de poetas e cantadores. Havia também a obrigação para que os proprietários de imóveis na cidade fizessem a pintura de suas casas, reparos nas calçadas, e a cargo do poder público, a limpeza das ruas e reforço na iluminação. Dando assim um novo aspecto à paisagem urbana da pequena cidade em dias de festejo, sendo essa uma ocasião de transformação do ritmo de vida da localidade.

No início do século XX a festa sofreu acréscimos em sua programação, o carrossel de Francisco Azevedo era instalado na cidade, em 1910 um cinematógrafo foi disponibilizado no prédio da prefeitura, representando a entrada de novidades tecnológicas na região, foram sendo promovidos eventos sociais como bailes, leilões e quermesses, feiras de caridade, chás dançantes; entre outras diversões.

Como podemos perceber nessas poucas linhas, a Festa de Sant'Ana historicamente tinha uma grande importância na vida cultural da cidade de Caicó e da região Seridó como um todo. Nos meses de julho, vários eram os eventos, sociais e religiosos, que compunham o festejo, feito por contribuições diversas como de divertimentos e de experiência com o sagrado, que formavam na Festa de Sant'Ana uma ocasião única para a sociabilização.

A Festa de Sant'Ana de Caicó no século XX a partir dos relatos da *Tribuna do Norte*.

Na década de 1980⁴ era comum noticiar a Festa de Sant'Ana de Caicó nas páginas do jornal *Tribuna do Norte*, escrito e publicado na cidade do Natal, capital do estado. O citado jornal era de propriedade do importante político Aluizio Alves, e resistiu ao tempo graças ao apoio da administração da família Alves, grupo ligado à política municipal natalense.

Para tanto, a cada ano, um repórter do jornal era enviado à cidade no período de festa com a incumbência de trazer notícias sobre o evento para o público natalense, presença que muitas vezes não se dava durante todo o período festivo, que normalmente durava 10 dias.

⁴ Nas visitas ao arquivo do jornal constatamos que nas décadas de 1950 e 1960 não foram publicadas notícias sobre a Festa de Sant'Ana de Caicó. A consulta à década de 1970 foi impossibilitada devida ao frágil estado de conservação dos documentos.

Dessa forma os jornalistas participavam apenas de uma parte do festejo, sendo essa prática importante por indicar que a visão sobre o evento era fragmentada, assim não dando conta de sua totalidade. Então, que manifestações os repórteres julgaram ser importantes e característicos do evento?

Essencialmente, o povo caicoense é apresentado em várias reportagens como extremamente crente no poder milagroso de Sant'Ana, capaz de unir passado e presente, importante por fazer parte da história daquela comunidade. Devoção forte o suficiente para driblar a distância imposta pela realidade de vida de alguns caicoenses, que precisaram sair de sua cidade natal para buscarem melhores oportunidades de vida em outros lugares. Sendo os dias de festa capazes de atrair o retorno do caicoense ausente, para fortalecer sua devoção, rever sua cidade e para confraternizar com familiares e amigos.

A ideia do caicoense enquanto “filho de Sant'Ana” é muito forte nas reportagens, levando-nos a pensar que é praticamente impensável conceber que exista algum caicoense que não tenha se rendido ao poder da avó de Jesus Cristo. Cada reportagem reforça esta ótica de veiculação identitária do caicoense à Sant'Ana, e, por extensão, ao catolicismo.

Trata-se de afirmar um compromisso com a ideia de um povo religioso, de filhos de Sant'Ana. Como era de se esperar, em nenhum momento é relatado qualquer prática religiosa não católica⁵ nas páginas do jornal – quando não se escreve sobre Sant'Ana, o texto recai sobre Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que aliás teve pouca repercussão no periódico. Por serem essas as únicas expressões religiosas do caicoense presente no jornal, mesmo com graus distintos de exposição, a informação do poder hegemônico da Igreja Católica em relação a práticas religiosas na cidade é mantido para o público natalense.

As notícias que permeiam todas as reportagens tematizam alguns tópicos recorrentes: grandiosidade da festa, a participação popular, o bom caráter e o comportamento civilizado do caicoense, a forte crença em Sant'Ana, a importância que atribui à festa em família e com amigos, a vinculação identitária com a cidade e com os conterrâneos. Sendo estes

⁵ Encontramos referências a religiões não-cristãs, especialmente sobre o Candomblé e a Umbanda, em reportagens nas décadas de 1950, 1960 e 1980, tratando de crimes cometidos por indivíduos associados a essas religiões e sobre eventos como festivais e cultos ocorridos na cidade de Natal. Em Caicó não encontramos qualquer notícias sobre outras práticas religiosas para além do catolicismo.

“ingredientes” os principais indicadores da importância que o festejo representava para a sociedade local, condição que tornou possível a sua continuidade.

Em ritmo de animação. Uma grandiosidade mesmo a Festa de Sant’Ana em Caicó. As ruas cheias de gente da terra e adjacências. Os amigos se abraçando. Uma confraternização a cada instante. Pela Catedral da Padroeira da cidade, um movimento fora do comum. Pavilhão, parques, outros bares, todos cheios. Uma loucura. (TRIBUNA DO NORTE, Sant’Ana de Caicó. 1986)

Por diversos anos, o colunista social Jota Epifânio foi o enviado pela *Tribuna* para cobrir o evento. Ele deu um especial destaque a programação social, tecendo vários comentários sobre os acontecimentos em bailes famosos como o “Baile dos Coroas”, “Baile de Debutantes”, sobre casamentos e as recepções oferecidas pelos caicoenses sejam os donos de hotéis ou os que abriam as portas de suas casas para receber os amigos; demonstrando a receptividade, que segundo ele, seria uma das marcas características do caicoense, como demonstram as citações a seguir.

E a festa de N. S. Sant’Ana está chegando ao seu final. As ruas estão cheias, naquele vai – e - vem maluco. Os atos religiosos bem frequentados, e agente sente a devoção dos caicoenses pela sua padroeira. Os locais onde estão as diversões tornam-se intransitáveis. (...) Mas aquela movimentação quando se aproxima a hora dos bailes, começa a fracassar, porque aí, a moçada que mesmo é sambar, se expandir pelos salões. E há coisa melhor! (TRIBUNA DO NORTE, Caicó é uma festa com Sant’Ana. 1984).

O Hotel Vila do Príncipe superlotado. Gente espalhada em casa de amigos recebendo o maior carinho, aliás, é hábito dos filhos da cidade Rainha do Seridó. (TRIBUNA DO NORTE, Sant’Ana de Caicó, 1986).

Porque o caicoense é bom de coração e gosta de receber dispensando as maiores gentilezas. (TRIBUNA DO NORTE, Sant’Anna de Caicó, 1986).

Tiveram também grande destaque, especialmente na década de 1990, a Feira de Sant’Ana, a Feira de Artesanato do Seridó, as procissões, as novenas, os acontecimentos nos diversos bailes e os divertimentos no açude do ITANS.

A constituição da festa como um bem de memória nos relatos da *Tribuna do Norte*.

Temos uma festividade reconhecida na cidade por ser de grande valor, como podemos perceber pela importância que a sociedade local atribuía à mesma. E apresentada com essas “cores” por meio da *Tribuna do Norte* para a comunidade natalense. Dessa forma, poderíamos considerar que a ação do jornal em noticiá-la em todos os meses de julho pode ter sido capaz de, ao longo do tempo, contribuir para o fortalecimento da mesma enquanto um bem cultural e de memória? Mesmo não sendo escrito por caicoenses, e ter circulado principalmente fora dessa região?

O conjunto de reportagens demonstra que a resposta seria “sim”. Cada periódico afirmava a grandiosidade do evento pautado na participação comunitária, no apego à cidade, na fé em Sant’Ana, na satisfação que cada baile, procissão, o reencontro com amigos e familiares causavam no caicoense. O bom convívio era uma das características principais da cultura local mais apontada nos jornais. Como podemos observar no trecho de uma reportagem transcrita a seguir.

Pode-se comparar os festejos de Sant’Ana de Caicó ao Sírrio de Nazaré (Belém do Pará), o São João de Caruaru ou Campina Grande ou mesmo a festa da Padroeira do Brasil. (...) A cidade se enche de pessoas vindas de outras cidades distantes do país, são todos os filhos ausentes a procura de grande confraternização e, a deste ano, aconteceu na quinta – feira – DIA DE FEIRA DE SANT’ANA, contando-se com mais de cinco mil pessoas. Naquele dia, todos residentes fazem de sua própria casa verdadeiros bares e restaurantes. São as casas localizadas na pracinha que se transformam. Ali tem de tudo para ser vendido, tira – gostos, até mesmo almoço e, toda a renda é revertida para obras da Matriz de Sant’Ana. (TRIBUNA DO NORTE, Os festejos de Sant’Ana são imbatíveis, 1991).

Este trecho espelha os sentidos da festa dados pelo conjunto de reportagens publicadas nas décadas em questão: fala-se na grandiosidade do evento, na participação quase obrigatória do caicoense ausente. E ainda é comentado a participação de indivíduos que vinham dos mais diversos recantos do país, a animação característica, principalmente na Feira de Sant’Ana, dia de almoço comunitário. Temos a ideia de que toda a população se transformava em diferentes intensidades, mudando seus hábitos para poder viver a sua maior festa, modificando assim o cotidiano da cidade.

Acreditamos que os relatos dos jornalistas acabaram por construir padronizações acerca da cultura do caicoense, ideias centrais que podem não terem sido forjadas pelos próprios jornalistas, os quais recortaram padrões sociais em atuação no estado, mas que foram confirmadas e reafirmadas a cada reportagem. Este realmente pode ter sido um dos meios de cristalização de imagens para o público natalense, confirmando assim a importância do evento para o Estado. Também devemos salientar que era (é) comum a presença de caicoenses e seridoenses morando em Natal. Por esse meio da imprensa, estes podiam ter notícias sobre sua cidade, as quais, contudo, produziam um quadro harmônico sobre o povo, lugar e o festejo. Evocando a memória coletiva, essas narrativas Candau entende ser “retóricas holistas”.

Entendo por “retóricas holistas” o emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como outra coisa que a simples soma das partes e tidos como agregadores de elementos considerados, por natureza ou convecção, como isomorfos. (CANDAU, 2011: 29).

Assim, os termos empregados pelos jornalistas tendem a homogeneizar as imagens sobre o povo caicoense e as características fundantes de sua identidade. A imprensa, representada aqui pela *Tribuna do Norte*, contribuiu para a configuração discursiva e imaginária do espaço e da identidade dos caicoenses e seridoenses. A partir das notícias sobre o evento religioso ligado ao poder atribuídos às imagens religiosas, neste caso Sant’Ana, ampliando o papel social dessa festividade.

Não encontramos reportagens que quebrassem com essas imagens produzidas, muito pelo contrário, cada escrito atualizava essas marcas, fazendo os caicoenses serem unicamente conhecidos como “filhos de Sant’Ana” e apegados às suas raízes. Joel Candau questiona esse tipo de conceituação, na medida em que considera que a realidade social é formada por contextos os mais diversos, e acreditar que, uma vez que todos os membros de um grupo compartilham igualmente as representações, seria desconsiderar a existência da diversidade social, condição que impossibilita o compartilhamento igual de certas ideias e memórias. Uma memória ou identidade coletiva seria uma idealização praticamente impossível na opinião do autor, porém, esta idealização é o que se percebe sendo construída nas reportagens.

Comentamos anteriormente que as páginas da *Tribuna do Norte* a festa seria um meio, ou celebração capaz de ligar o passado ao presente. Temos a impressão de que cada festa é apresentada como uma ritualização e uma atualização daquele mito fundador no presente. É como se fosse uma simples sucessão ao longo do tempo de uma maneira de festejar que já seria tradicional e quase natural do caicoense. Vemos a seguir uma estratégia de veiculação identitária utilizada:

(...) Quando os sertões se transformaram em local de pasto, um vaqueiro que por ali vivia entrou no mufumbal e foi atacado pelo touro. Diante de perigo tão grande, a saída encontrada pelo vaqueiro foi implorar a graça de Nossa Senhora de Santana, a quem prometeu uma capela se escapasse. (...) É para comemorar Santana, a padroeira da cidade, que os filhos de Caicó se reúnem anualmente – este ano será a 233ª vez – numa das maiores festas de origem religiosa do Brasil. (...) A festa religiosa começa com a procissão no primeiro dia e segue com novas procissões, visitas à capela construída pelo vaqueiro, novenas, batizados, orações, casamentos, confissões, etc. (TRIBUNA DO NORTE, Caicó já começou sua maior festa, Santana, 1981).

Iniciar uma reportagem contando a história do mito fundador foi um meio utilizado para explicar o início dessa marca identitária que se estenderia a todos da comunidade. Temos assim, discursos que tencionam também para marcações memoriais. Ocorreu, discursivamente, uma homogeneização de comportamentos, de envolvimento com o sagrado e com o social, não respeitando as particularidades, os interesses distintos expressados pelos participantes da festa.

No entanto, as diferenças e transformações, próprias da vivência humana também aparecem nas reportagens. Sobre as transformações vivenciadas, alguns comentários de participantes da festa e que não moravam na cidade acabaram por expô-las:

Ela analisa que o evento comemorativo de Sant'Ana mudou muito desde que saiu da cidade (há 20 anos). A feira de comidas típicas, por exemplo, não existia, e na última quinta – feira ela pôde conferir as alegrias e reencontro da feirinha de Sant'Ana.

Ana Suely de Faria.

(TRIBUNA DO NORTE, Encontro na praça é largada para a noite, 1997).

(...) ‘Tudo mudou até parece outra coisa. (...) Vim só para esta feirinha, no tempo que morei em Caicó ainda não existia’. Completa. Ele afirma ainda que não encontrou nada similar ao tempo em que morava em Caicó, ‘mas este modernismo me agrada’. Ele frisa que o mais fascinante nesta feira é o reencontro com pessoas que não via há muito tempo.

Moacyr Cirne.

(TRIBUNA DO NORTE. Requite e tradição marcam a Festa de Sant’Ana, 1997).

Um dos termos mais empregados nas reportagens foi o de “tradição”, utilizado para informar ao leitor a antiguidade do evento. No entanto, essas citações e grande parte das reportagens, expressam ricamente as transformações incorporadas à festa ao longo de cada ano que foi noticiado. Como por exemplo, os poucos anos nos quais ocorria o “Baile dos Coroas”, as inovações no “Baile de Debutantes” visando atrair maior público, a criação da Feira de Sant’Ana, novidades inseridas no patamar de tradição ao lado de eventos como missas e hasteamentos da bandeira, realizados desde os primórdios da festa.

Temos a mescla do novo com o antigo “uma música diferente, um estilo novo, mas a alegria se repetia a cada metro da tradicional Feira de Sant’Ana” (TRIBUNA DO NORTE, Requite e tradição marcam Festa de Sant’Ana, 1997). Só que as transformações, que compreendemos ser a modernização da festa, mesmo quando era informada, não eram destacadas como sinal de modernização. A escolha dos jornalistas recaiu no princípio de apontar a todo o momento a continuidade da “tradição” da festa na sociedade local, neutralizando o novo no antigo, levando o leitor a considerar que ela estava fortemente incorporada na identidade e na memória do povo caicoense.

Podemos considerar a partir dos relatos contidos no jornal que os jornalistas concluíram que a festa é uma “memória forte” na representação feita entre os próprios caicoenses e o que se fala a respeito deles. Nas palavras de Joel Candau, memória forte é conceituada como “(...) uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo”. (CANDAU, 2011: 44).

Essa memória forte significa uma característica que seria dominante em um determinado grupo, uma representação que foi intensamente valorizada e utilizada como a principal marca identitária, mesmo que essa característica sirva apenas para compreender uma

parcela do grupo, mas ela é forte e dominante o suficiente para simbolizar o todo e disfarçar as diferenças.

A festa seria assim um meio de memória, uma exacerbação da devoção popular, uma celebração recheada de carga memorial, que faria o elo do passado com o presente, seria um “ponto de apoio” e “semente de recordação”.

A devoção pela mãe de Maria e avó de Jesus, Sant’Ana, é uma constante na vida dos caicoenses, que não se cansam de pagar promessas por graças alcançadas. Desde o ano de 1748, segundo a beata Maria das Dores, que a santa vem realizando milagres, atraindo a atenção de fiéis de toda parte. (TRIBUNA DO NORTE, Matriz de Sant’Ana em Caicó volta a receber os fiéis de todo o Estado, 1997).

A partir ainda das reflexões de Candau, essas memórias fortes estão também sujeitas a acréscimos e eliminações; ao contrário das “retóricas holístas” que tendem a desconsiderar a noção de transformação, e, no caso aqui apresentado, tendem a uniformizar/padronizar a Festa de Sant’Ana. Pois, como reflete Candau, conceber que todo caicoense a vivenciou apenas de uma maneira, ou que ela sempre foi de uma única forma, seria desconsiderar as remodelações pelas quais passou ao longo do tempo.

Por todos os fatores descritos até o momento sobre a Festa de Sant’Ana, era tido como ponto comum, por parte dos jornalistas, que essa manifestação era digna de ser lembrada por aqueles que a vivenciaram e assim ser capaz de simbolizar a própria região. No entanto, Joel Candau nos lembra que esses dados não nascem prontos, que fazemos o processo de escolha e hierarquização de acontecimentos, destacamos e ordenamos as nossas referências memoriais, esse processo é o motor de construção de identidades, assim selecionamos as coisas “dignas de entrar na memória”. As reportagens atuam nesse fortalecimento da festa e de sua indicação como um bem que deve ser mantido.

Um dos principais fatores que justificaram essa seleção é a tão destacada “tradição”, e a partir de então ela não cessou de ser atualizada pelos descendentes daqueles primeiros colonizadores. Nas reportagens podemos perceber o sentido de que cada festa é uma continuidade e por isso ela era digna de figurar na identidade e na memória coletiva de quem a festejou.

Identificação que começou a ser estendida ao próprio natalense, e aqui temos a aproximação geográfica dos jornalistas e dos leitores dessa mídia, com o caicoense. Marcações identitárias produzidas pelos jornalistas sobre “o outro”, o caicoense, mas que serve também para falar de si, como podemos perceber no seguinte trecho: “Muita gente de Natal que bem parece um pedaço natalense unindo-se ao alto sertão seridoense. Todos nós somos irmãos”. (TRIBUNA DO NORTE. Sant’Ana de Caicó, 1986).

Acreditamos que cada reportagem da *Tribuna do Norte* serviu para fortalecer certas imagens para o público natalense, que pode também ter sido aprovado pelos próprios caicoenses, e que continham marcas que estes quiseram evidenciar, exacerbar, uma vez que no evento, havia um momento para aflorar certos traços que desejavam que fossem reconhecidos pelos “de fora”.

Na medida em que o jornalista Jota Epifânio, que cobriu por diversos anos o evento, pelo trabalho prestado e pela frequência a festa, recebeu dos caicoenses, em 1995, conforme reportagem do colunista, o título de “cidadão caicoense”, concebido em nossa análise como uma demonstração de aprovação do trabalho do colunista, percebemos o sentido proposto quando o próprio colunista declara a si próprio como um devoto da santa: “Sou um devoto de Sant’Anna e os seus filhos não devem ficar ausentes, especialmente na sua festa”. (TRIBUNA DO NORTE, Sant’Ana de Caicó, 1986). Percebe-se que a festa, na mídia, oferece um ponto de encontro entre Natal e Caicó.

Em conjunto, as reportagens foram mais um meio pelo qual, de uma forma inesperada ou não, conseguiram, naturalizar a festa e a ideia de uma comunidade caicoense a partir de uma identidade e memória padronizada. Essa memória do mito fundador e da maneira de expressar a devoção à Sant’Ana foram os principais condicionantes, as bases sobre as quais foram sustentada a tradição e a identidade dos caicoenses.

Conclusão

Todos os discursos que compuseram, ao longo do tempo, um quadro de características acerca do caicoense tratados neste artigo foram analisados tendo em vista de que a Festa de Sant'Ana é uma expressão que vem a cada ano tomando força no cenário estadual, ai estando presente o papel destacado da imprensa em possibilitar essa realidade, com importantes resultados nos mais diversos aspectos sociais, principalmente no político e no econômico.

Temos aqui diferentes tramas próprias das facilidades de interação social permitidas pelas melhorias nos meios de comunicação e nas vias de acesso entre as várias regiões que compõem o Estado. Identificamos marcações identitárias feitas pelos jornalistas natalenses, a respeito de “outros”, os caicoenses e seridoenses, uma definição das “regiões” potiguares. Jogando a todo momento com ideias identificadas como marcadores da tradição, da memória, da história, da identidade, dos costumes de um outro povo, que também passa a ser interessante para falar de si.

Como afirma Ione Rodrigues Diniz, em sua obra *Seridó norte – rio – grandense: uma geografia da resistência*, a Festa de Sant'Ana não é apenas materializações, é essencialmente subjetivação, abrangendo o espírito e o corpo de quem dela participa e cria, mobilizando sentidos que vão além da preparação da igreja, da cidade, de conclusão de tarefas administrativas necessárias para a realização do evento.

Ela envolve conhecimentos e sentimentos que vão muito além de um simples evento tradicional, e que são importantes nas mais diversas esferas sociais. É importante por espelhar a fé, os jogos políticos, econômicos, as relações com o espaço, as tramas identitárias alimentadas pelas memórias de diferentes indivíduos e os imaginários acerca “do outro”.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro: Nova fronteira; São Paulo; Fapesp, 1999.

CANDAU, Jöel. Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holísticas. In: **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 21 – 57.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê IPHAN**: Festa de Sant'Ana de Caicó. Brasília, 2010.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Contribuição ao estudo da Casa - Forte do Cuó, Caicó – RN**. Revista de Humanidades. Dossiê Arqueologias Brasileiras, v.6, n. 13, dez 2004/jan 2005.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Caicó, cem anos atrás**. Brasília. 1988.

MONTEIRO, Eymard. L'E (padre). **Caicó** (subsídios para a história completa do município). Recife: Escola Sales de Artes Gráficas, 1945.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Cenários de resistências: matrizes simbólicas. In: **Seridó norte – rio – grandense**: uma geografia da resistência. Natal/2004. p. 351 – 378.